

# **SOCIABILIDADES DISCENTES, LETRAMENTO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL**

Luciana Velloso<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresento considerações sobre pesquisa em desenvolvimento junto aos discentes da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), buscando compreender seus usos de mídias digitais móveis. Utilizando metodologias de cunho etnográfico, discuto as redes de sociabilidade, novos letramentos e relações de inclusão/exclusão que as tecnologias podem propiciar.

## **Introdução**

Em um contexto no qual cada vez mais percebemos a proliferação de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), a questão da velocidade é se coloca de modo pungente nos grandes centros urbanos. A fusão da tecnologia com a cultura (JOHNSON, 2001), hoje parece ganhar novos contornos cada vez que a partir de um simples toque de nossos polegares em um sensor de uma tela de cristal líquido nos permite acesso a um mundo que em outros tempos parecia impensável.

Com a chegada do século XXI, querendo os espaços educacionais ou não, as NTIC estão fazendo parte do cotidiano de nossos alunos e alunas e vão adentrando as salas de aula. Levando em conta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÈVY, 1999), as novas tecnologias podem ser responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico. No espaço universitário, podemos perceber a convergência destes diferentes protocolos de leitura e escrita se traduzindo nas vivências do alunado.

Apresentamos aqui uma pesquisa que tem como foco a visão dos/s alunos/as do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sobre a importância do acesso e do uso dos recursos tecnológicos em suas vidas universitárias. Com base na discussão teórico-analítica do Paradigma das Mobilidades, elaborada por John Urry (2000, 2007, 2010), através de um trabalho de cunho etnográfico que utilizou de observações, registros em caderno de campo e questionários, buscamos entender, a partir da ótica dos/as discentes da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da UERJ, como estes avaliam seus níveis de deslocamento, pertencimento, inserção nesta lógica global mais ampla, mediados pelos recursos multimidiáticos.

## **Alguns pressupostos e discussões**

Novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) estão fazendo parte de modo intensivo do cotidiano de nossos alunos e alunas consolidando a visão de que os recursos multimidiáticos representam um veículo privilegiado para um projeto de cidadania, o que demanda um novo perfil de docente que esteja preocupado não mais apenas com uma formação para a leitura de livros, mas que leve em conta outro tipo de alfabetização: a da informática e das multimídias (MARTÍN-BARBERO, 2000).

Não há como desconsiderar a centralidade do fazer docente quando tratamos dos usos de recursos tecnológicos em espaços educacionais, pois estes podem tanto adotar uma postura mais

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [lucianavss@gmail.com](mailto:lucianavss@gmail.com).

aberta ao novo quanto de rejeição e negação às novas formas de comunicação e interação digital que estão postas, em diferentes níveis, para nossos discentes, como analisa Silva (2003).

Lajolo e Zilberman (2009) afirmam que livros e computadores não se excluem, são “parceiros”. O que se modifica é o tipo de leitura, marcado pela lógica da simultaneidade, a ideia de se trabalhar com várias janelas ao mesmo tempo. O leitor “hipertextual” move-se de forma distinta do que se demanda da leitura dos textos impressos.

A partir das discussões apresentadas por John Urry (2007, 2010) temos pensado sobre como os novos avanços tecnológicos têm possibilitado novas maneiras de constituir e organizar identidades, através de vários espaços e tempos, consolidando o que se denomina de “Paradigma das Mobilidades” (URRY e ELLIOT, 2010). Em “Mobile Lives”, discute-se um conceito que para esta pesquisa é central, que é o de “capital de rede”. Este envolve a capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, *e-mail*, internet, Skype etc.; acesso amplo a informações e contatos; equipamentos de comunicação, dentre outros.

Desse modo, identificamos a importância de questionarmos até que ponto nossos estudantes se utilizam e se apropriam de diversos recursos tecnológicos, tais como telefones celulares, *e-mails*, Internet, aplicativos de conversas instantâneas etc.; como se dão seus acessos a informações e contatos; se dispõem de equipamentos de comunicação; quais são os lugares que consideram apropriados para se encontrar, seja virtualmente ou fisicamente; como negociam seu tempo para lidar com as demandas do curso universitário e em que medida o uso destes recursos tecnológicos, vistos aqui como exemplos de capital de rede, contribui para estas negociações.

Na busca de mapear estas diferentes mobilidades e como se dão, buscamos operar a partir de lógicas não binárias, como o ter ou não ter informação, pois o acesso às tecnologias implica graduações. O fato de não possuir um computador em casa não implica necessariamente exclusão, já que acesso pode se dar por outros caminhos, como trabalho, escola, *Lanhouses*, tecnologias moveis, dentre outros (BONILLA e PRETTO, 2011).

### **A partir dos olhares discentes: tecendo caminhos e análises**

Em função das constantes interrupções no calendário da UERJ, o que aqui apresentamos são constatações parciais do material já organizado da pesquisa que segue em andamento. Foram aplicados 40 questionários<sup>2</sup> fruto de encontros presenciais, nos quais fazíamos uma breve apresentação da pesquisa e seu intuito. Com a concordância dos discentes, os questionários eram preenchidos nos intervalos das aulas, no espaço do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia, na cantina e nos bancos do hall do curso, local de grande movimentação de docentes e discentes.

Os depoimentos identificados nos questionários aplicados com discentes do curso de Pedagogia da UERJ gravitam em torno de temáticas como a relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade.

Com base nas informações contidas nos questionários, foram constatadas algumas informações bastante relevantes para a pesquisa. No que tange à faixa etária da amostra, os

---

<sup>2</sup> No presente trabalho, são apresentados dados relativos a questionários aplicados com estudantes do curso noturno, em função de ser este o turno no qual a docente e as alunas bolsistas que fazem parte da pesquisa se inserem.

discentes apresentavam as seguintes informações: até 25 anos: 61,53%, de 26 à 40 anos: 23,07%; acima de 40 anos: 15,38%.

Observamos que 92,30% dos pesquisados/as utilizam o grupo de WhatsApp da turma, o que facilita a circulação mais rápida de informes e dúvidas. Embora seja alto o quantitativo dos/as que acessam, há também um total de 2,56% de discentes que não utilizam estes recursos, o que faz com que muitas vezes se sintam excluídos/as das decisões da turma. Também tivemos um quantitativo de 5,12% de alunos/as que não responderam.

O *e-mail* da turma também se mostrou, segundo os discentes, um espaço de circulação de informações de grande importância. No caso dos *e-mails*, 87,17% se utilizam desse meio, 7,68% alegaram não utilizar, enquanto 5,12% não responderam.

Ainda no que se refere ao uso de tecnologias na Universidade, percebemos um movimento relacionado aos altos custos com Xerox de textos das disciplinas. Com isto, destaca-se um elemento fundamental relacionado ao uso das tecnologias móveis: a leitura através do dispositivo dos celulares. Neste item, o quantitativo de 76,92% dos/as alunos/as fazem leitura através deste recurso. 17,94% não usam e 5,12% não responderam.

Percebemos que existe uma demanda dos/as alunos/as no sentido de terem mais possibilidades de acesso ao universo digital e nesse sentido o sinal do Wi-Fi é algo recorrente nas falas, assim como falta de computadores para uso e realização dos trabalhos e outras solicitações feitas pelos docentes. A Faculdade de Educação não dispõe atualmente de um Laboratório de Informática próprio, havendo apenas um computador com acesso à Internet no Centro Acadêmico, que é muito disputado pelos discentes, sobretudo nos finais de semestre, além de três *netbooks* na biblioteca. Há uma sala de aula que dispõe de computadores com acesso à Internet, mas estes são para uso exclusivo durante as aulas que ali ocorrem.

Outro aspecto que se destacou nas respostas foi o aprendizado no âmbito doméstico.

Com relação aos cursos oferecidos anteriormente e que exemplificam demandas que nossos estudantes trazem, enfatizamos que eles sinalizam para a necessidade de uma capacitação voltada para os/as docentes que apresentam dificuldades em lidar com o uso das tecnologias em suas aulas. Utilizando a ideia de alfabetização informacional apresentada por García-Moreno (2011), mas ressignificando-a para pensar a noção de letramento digital, entendemos que estes movimentos implicam no desenvolvimento de toda uma capacidade de obter maior autonomia na seleção, avaliação e processamento de informações e também um trabalho de formação ao longo da vida.

Por não serem todos/as a que possuem outras redes de mediações ou auxílios em casa ou outros espaços, a ideia de uma “disciplina” foi evocada, numa tentativa dos/as discentes tentarem minimizar a distância que sentem daqueles que já trazem consigo todo um capital cultural herdado, nos termos de Bourdieu (1998), voltado para o uso de diferentes mídias.

Observamos ainda que os/as estudantes que apresentam dificuldades no uso de tecnologias sinalizaram que no cotidiano da Universidade, por vezes, têm a impressão de estarem excluídos de participarem ou entregarem atividades que são solicitadas, por sentirem que são excluídos ou “analfabetos digitais”, uma vez que observaram e pontuaram nos questionários que o acesso, o conhecimento e o uso das novas tecnologias são saberes que os docentes consideram que todos já possuem.

Além da questão das redes familiares de apoio aos usos, a questão infra-estrutural não passou desapercebida. Conforme já discutimos anteriormente, a falta de um Laboratório específico para o curso de Pedagogia é, na visão dos/as estudantes que preencheram os questionários, um grande empecilho. Pois além de falta de tempo, para muitos/as falta o próprio recurso em si e a falta dos mesmos em seus lares acaba por fazer com que busquem outros espaços para realizar as tarefas.

Em suma, além da questão associada a uma reclamada falta de letramento digital, os/as discentes também fazem o apelo para que mais recursos sejam oferecidos, de modo que de fato possam explorar estes novos espaços de sociabilidade e de produção/difusão de seus conhecimentos.

### **Considerações provisórias... criando outros *links***

Podemos perceber com o auxílio de autores como Martín-Barbero e Rey (2004) a mudança de protocolos de leitura, o que acarreta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÈVY, 1999). As tecnologias então seriam responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico.

Diante do que podemos constatar como a emergência da inclusão digital enquanto aspecto emergente da retórica do século XXI, ainda nos deparamos com diversos aspectos a serem abordados, tais como o problema da exclusão digital, seja pela falta de acesso, pela dificuldade no uso (questão do letramento digital), ou por diversos outros elementos que dificultam esta retórica se efetivar em práticas.

Entendemos que algumas iniciativas se fazem necessárias para facilitar os processos de letramento e inclusão digital, demandando elementos como vontade política e ações coletivas institucionais e individuais; infraestruturas e aplicações (por exemplo, de redes sem fio, redes fixas e ferramentas de colaboração); vinculação de bibliotecas e conexão com equipamentos e redes digitais; acesso à informação e trabalhos que objetivem a ampliação da ideia de letramento para aglutinar tanto textos quanto hipertextos.

Apesar de entendermos que existem diferentes formas pelas quais os/as discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda se sentem "excluídos no interior", nos dizeres de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2007), por não disporem deste "capital de rede" ao qual se referiam Urry e Elliot (2010).

Consideramos que a Universidade lida com um público de alunos/as diversificado, com um grupo bastante conectado que em sua maioria nos demonstrou ter facilidade com a cultura digital, mas que alguns não dispõem destes recursos (VELLOSO, 2017). E, por isso, muito ainda há que se avançar para que este contingente de discentes possa se sentir integrado e de fato inserido nesta cultura de letramento digital.

### **Referências**

- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (Org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.
- BONILLA; Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson (Org.). *Inclusão Digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2011, v. 2.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As Tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CUEVAS, Aurora; SIMEÃO, Elmira

(Org.). *Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social*. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 39-53.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface*: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura e seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008, 15. reimp.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Coord.). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

URRY, J. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sociology Beyond Societies: mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_; ELLIOTT, A. *Mobile Lives*. London: Routledge, 2010.

VELLOSO, Luciana. *e-Mosaicos: Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ)*, v. 6, n. 12, p. 176-189, ago. 2017.